

PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: revisão bibliográfica nas publicações da ANPED de 2015 a 2021

Márcia de Souza dos SANTOS¹

Santuza Amorim da SILVA²

Daniela Perri BANDEIRA³

Resumo

O momento atual ainda é de preocupação devido à pandemia da COVID-19 e no Ensino Fundamental, o foco das reflexões e discussões tem sido o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais. Nesse contexto, o presente artigo teve por objetivo mapear as produções científicas publicadas pelos grupos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) nas quatro últimas reuniões nacionais, sobre o tema alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental e observar as produções que discorrem sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC – no processo, considerando que tais tecnologias passaram a ser utilizadas amplamente devido ao ensino remoto emergencial (ERE), mas pontua-se que tal prática já era utilizada minimamente antes da pandemia. Esta pesquisa apresenta cunho qualitativo de caráter exploratório e descritivo, utilizando revisão bibliográfica nas produções da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) de 2015 a 2021. Constatou-se que o processo de alfabetização e letramento, anterior ao período pandêmico, sempre foi pensado e executado totalmente no modo presencial, poucas produções indicavam o uso da tecnologia como principal ferramenta colaborativa nesse processo. Por fim, faz-se necessário estudar a prática docente que teve que ser repensada e readequada para que o processo de alfabetização ocorresse no formato de ERE e tal fenômeno aponta ainda a necessidade de mais estudos sobre o ocorrido durante e pós-pandemia.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Práticas pedagógicas. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

Introdução

A alfabetização é o foco da ação pedagógica docente nos anos iniciais do ensino fundamental, juntamente com as práticas de letramento. Todavia, existem lacunas que resultam em índices

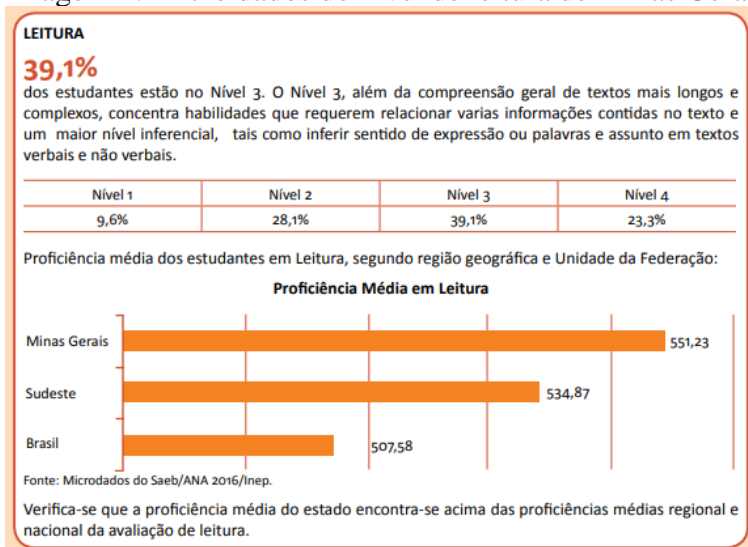
¹ Mestranda em Educação pela UEMG. Professora alfabetizadora. E-mail: marcia.ss@edu.pbh.gov.br

² Doutora em Educação pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da UEMG. E-mail: santuza@hotmail.com.

³ Doutora em Educação UFMG, Professora na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus BH. Participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem - NEPEL/UEMG. E-mail: perribandeira.daniela@gmail.com.

preocupantes de analfabetismo e fracasso escolar no processo de alfabetização de acordo com o sistema de Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA, que avalia o nível de alfabetização de crianças matriculadas no 3º ano do Ensino Fundamental na rede pública de ensino, tome-se por exemplo o nível de leitura do estado de Minas Gerais explicitado na Imagem 1.

Imagem 1. Micro dados do nível de leitura de Minas Gerais



Fonte: Inep. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/RELATORIO+SAEB-ANA+2016+PANORAMA+DO+BRASIL+E+DOS+ESTADOS/41592fab-6fd6-4c21-9fbb-d686f6b05abe?version=1.0>

A leitura é um dos requisitos avaliados na ANA, não basta apenas ler para demonstrar proficiência existem habilidades imbricadas no contexto social. Sendo assim, é desejável compreender o que é alfabetização, o que é letramento e o que é a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA) vislumbrando melhor a complexidade desse processo.

Ao falar em alfabetização encontram-se derivações como: alfabetização matemática, alfabetização científica, alfabetização voltada para jovens e adultos, alfabetização digital, bem como, é possível encontrar letramento literário, letramento digital, letramento visual, Multiletramentos e letramento escolar, no Glossário do Ceale é possível encontrar os respectivos conceitos de cada verbete mencionado. Recentemente, vem sendo debatido letramento de

percurso que foi o conceito apresentado na tese da professora Ana Carolina Martins da Silva ⁴ Dentre os vários percalços que ocorrem durante o processo de alfabetização e letramento, destacou-se desde 2020 a pandemia ocasionada pelo vírus da COVID-19, que fez os olhares se voltarem para a mudança do trabalho presencial para o ERE, originando a pergunta de como as professoras alfabetizadoras têm reelaborado sua prática docente, tendo em vista as orientações da BNCC para assegurar a continuidade no processo de alfabetização, durante o período pandêmico?

A justificativa para a realização desta pesquisa parte da compreensão de que, no atual contexto nacional de emergência sanitária, são necessárias reflexões e discussões constantes sobre as mudanças drásticas ocorridas na prática docente alfabetizadora, uma vez que, o processo de alfabetização é evidentemente complexo e processual. Assim, como a educação infantil tem especificidades na prática docente, que passa também pelo cuidar, as professoras⁵ que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental, em especial, as que são alfabetizadoras tem se reinventado durante o período de isolamento social e ensino remoto para realizarem da forma possível a manutenção do processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, espera-se que este artigo possa agregar as produções científicas que investigam a formação, as práticas e o perfil da professora alfabetizadora durante o período de ERE.

Elucidações sobre alfabetização e a prática docente alfabetizadora

Você se lembra como foi alfabetizado? Com certeza essa pergunta irá te transportar para a infância e recordações talvez te façam responder que é aprender a escrever e a ler. Observe algumas concepções em voga do termo alfabetizar, embora algumas estejam indo na contramão do que as pesquisas indicam:

alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do

⁴ Mais informações: LETRAMENTO DE PERCURSO: UMA CONCEPÇÃO DE LETRAMENTO INSPIRADA EM ESCRITAS DO PIBID disponível em <https://www.uergs.edu.br/upload/arquivos/202107/23184925-letramento-de-percurso-ana-carolina-martins-da-silva-tese-esse.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁵ A palavra é utilizada no feminino devido à maioria dos profissionais que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental ser constituído por mulheres, cerca de 91% de acordo com dados disponíveis no portal do MEC: <<http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>>

português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2018)

A Base Nacional Comum Curricular (2018) é um documento normativo que representa o resultado de longos debates para nortear as modalidades da educação básica, com o objetivo de estabelecer uma base comum que seja referência nacional para direcionar o desenvolvimento a se alcançar em cada etapa, todavia a concepção supracitada apresenta vários aspectos incoerentes que vão contra a gênese da alfabetização no Brasil amplamente discutida e pesquisada (SOARES, 2021a; dentre outros). Apresenta-se também o conceito a partir do Glossário do Ceale, em que “*alfabetização* é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala” (SOARES, 2021a, grifo da autora).

Magda Becker Soares (2021a, online) tem extensas contribuições a respeito dessa temática, ela pontua que esse conceito foi

posto em discussão a partir de meados dos anos 1980, quando as crescentes demandas sociais de leitura e escrita em sociedades grafocêntricas, como são quase todas as sociedades modernas, evidenciaram a insuficiência de apenas “saber ler e escrever” e, em decorrência, a necessidade de que se ampliasse o conceito de alfabetização, para incluir nele o saber fazer uso competente da leitura e da escrita nas situações sociais em que a língua escrita esteja presente. Entretanto, logo se reconheceu que essas duas competências – de um lado, saber ler e escrever, de outro lado, saber responder adequadamente às demandas sociais de uso da leitura e da escrita – envolviam processos linguísticos e cognitivos bastante diferentes; como consequência, passou-se a designar por outra palavra, **letramento**.

Na BNCC (BRASIL, 2018) menciona-se duas vezes o termo **letramento**, mas não se encontrou a concepção dessa palavra ao longo do texto, conforme percebe-se nos excertos a seguir:

[...] desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos; no eixo Leitura/Escuta, amplia-se o **letramento**, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. (BRASIL, 2018, grifo nosso).

A postura governamental opta pelo termo literacia, para compreender melhor o que é o letramento no processo de alfabetização optou-se por apresentar a definição presente no Glossário do Ceale, que também foi elaborado por Soares (2021b), que considera **Letramento** como palavra que corresponde a diferentes conceitos, sendo que na perspectiva pedagógica, no campo do ensino inicial da língua escrita – a palavra e o conceito – foi introduzido no Brasil. Após essa breve historicização, tem-se o conceito:

o **letramento**: o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, 2021b)

Em trabalho recente, Alves (2021) realizou revisão de bibliografia sobre os processos de alfabetização e letramentos, realizando interlocuções sobre o alfabetizar letrando e a formação docente na Educação Infantil, das produções disponíveis no site da Anped. É relevante estabelecer pontes e elos entre a primeira etapa da Educação Básica e os anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo assim, seu trabalho contribuiu significativamente para a organização deste artigo.

Os apontamentos iniciais aqui representam o início do *iceberg* de uma temática ampla e que vem sendo debatida constantemente, as pinceladas conceituais anteriores foram dadas para deixar claro os conceitos basilares que norteiam a discussão e para fechar a presente explanação recorre-se a Magda Soares (2020, p. 27): “Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente, entretanto, [...] são processos simultâneos e interdependentes”.

Levando em consideração, as especificidades e a complexidade do saber docente do professor

alfabetizador, recorre-se a Tardif (2014) para compreender que a prática docente é permeada por quatro saberes: a) saberes da formação profissional; b) saberes disciplinares; c) saberes curriculares e d) saberes experienciais, pois em suas palavras, “os professores precisam tomar decisões e desenvolver estratégias de ação em plena atividade, sem poderem se apoiar num ‘saber-fazer’ técnico-científico que lhes permita controlar a situação com toda certeza - grifo do autor (TARDIF, 2014, p. 137).

Referente à metodologia, esta pesquisa qualitativa possui caráter exploratório e descritivo, valendo-se do procedimento técnico de pesquisa documental para construção da revisão de bibliografia, pois Alda Judith Alves-Mazzotti (2012) destaca sua indiscutível importância na construção de um problema de pesquisa adequado.

O repositório escolhido foi o site da Anped, na qual foram escolhidos trabalhos publicados nos anais de três reuniões nacionais, que ocorrem bienalmente. Para apresentar com clareza e objetividade, a presente pesquisa foi desenvolvida em três momentos:

1º momento: Foram selecionados todos os períodos da 40ª, 39ª, 38ª e 37ª Reunião Nacional da Anped, que discutiram sobre *alfabetização* nos anos iniciais do Ensino Fundamental, independente do grupo de pesquisa ao qual pertencia.

2º momento: Os resumos de todos os artigos encontrados no primeiro momento foram lidos, sendo selecionados aqueles que apresentassem pesquisas sobre alfabetização, prática docente, professoras alfabetizadoras, com os dados pontuados na Tabela 1.

3º momento: análises dos dados, sendo observados os seguintes elementos: Grupo de pesquisa do artigo por reunião e título do artigo, organizados no Quadro 1⁶; objetivo; palavras-chave e metodologia utilizada na pesquisa apontados no Quadro 2.

Anped, suas reuniões e seus grupos de trabalho

A Anped (2021a) “Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da

⁶ Devido à limitação de caracteres, o Quadro 1 e o Quadro 2 estão disponíveis no seguinte link: <https://drive.google.com/file/d/1Vbil4Apkuak5h0tIOFEe5W6gldtG7rIr/view?usp=sharing>

área”. Esta entidade tem 23 Grupos de Trabalhos – GT⁷, os GTs são instâncias de aglutinação e de socialização do conhecimento produzido pelos pesquisadores da área de educação, que congregam pesquisadores de áreas de conhecimento especializadas; e aprofundam o debate sobre interfaces da Educação, além de definir atividades acadêmicas das Reuniões Científicas Nacionais da Anped (ANPED, 2021b).

Os grupos destacados foram aqueles que subsidiaram dados para a construção desta revisão de bibliografia, indicando a predominância do GT 10 como *locus* de construção de conhecimento do objeto de estudo deste artigo, ressaltando a interlocução em menor número da temática elencada em outros grupos a ser analisada e debatida adiante. Os dados obtidos foram organizados na Tabela 1, o resultado apontou 41 produções no total.

Tabela 1 - Dados sobre as quatro últimas reuniões nacionais da Anped

Reunião	Título	Trabalhos
40ª Reunião Nacional - 2021 Belém do Pará	“Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!”	17/699
39ª Reunião Nacional - 2019 Niterói/ RJ	Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências.	15/403
38ª Reunião Nacional - 2017 São Luís do Maranhão	"Democracia em Risco - a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência"	04/379
37ª Reunião Nacional - 2015 Florianópolis/SC	“Plano Nacional de Educação: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira”	05/787

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No terceiro momento foram analisados os resultados e realizada interlocuções entre os dados

⁷ GT02 – História da Educação; GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos; GT04 - Didática; GT05 - Estado e Política Educacional; GT06 - Educação Popular; GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos; **GT08 - Formação de Professores**; GT09 - Trabalho e Educação; **GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita**; GT11 - Política da Educação Superior; **GT12 - Currículo**; **GT13 - Educação Fundamental**; **GT14 - Sociologia da Educação**; GT15 - Educação Especial; **GT16 - Educação e Comunicação**; GT17 - Filosofia da Educação; GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas; GT19 - Educação Matemática; **GT20 - Psicologia da Educação**; GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais; GT22 - Educação Ambiental; GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação; GT24 - Educação e Arte (ANPED, 2021b, grifo nosso).

apresentados pelas pesquisadoras⁸ e a interlocução nessa revisão bibliográfica permite ter “clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas pertinentes ao tema escolhido” (Alves-Mazzotti, 2012, p. 179). Assim, o olhar científico ficou direcionado em observar, analisar e comparar todas as produções encontradas, no intuito de alicerçar a problemática em questão.

Ao refletir sobre as temáticas abordadas dentro do tema alfabetização foi possível identificar a discussão sobre a (auto)formação de professoras alfabetizadoras, currículo da alfabetização, história da alfabetização, políticas públicas e discussões teóricas de/sobre alfabetização e tendo também, o desenvolvimento do processo de alfabetização a partir da prática docente como centro do eixo discursivo com dados empíricos que recebeu mais ênfase levando em considerando o objeto de estudo da pesquisadora deste artigo, apresentadas no Quadro 1 e 2.

Quanto à natureza das pesquisas apresentadas nos artigos, verificou-se que todos adotaram a abordagem qualitativa, mesmo que não tenham explicitado no corpo do texto e dentre esses, uma com aspectos quantitativos, conforme linha 38 no Quadro 2. A respeito dos procedimentos técnicos, a maioria utiliza o estudo de caso, o restante optou por utilizar levantamento bibliográfico e que são recortes ou resultados parciais de pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento, do mestrado ou doutorado, de acordo com os dados levantados.

Ao analisar as formas de coleta de dados foram identificados na maioria o uso de entrevistas semiestruturadas, seguidas pelo uso de questionários, aparecendo em menor proporção levantamento de dados, observação e diário de bordo. Tal resultado é indicativo de que para alcançar os objetivos estabelecidos no estudo de caso o uso de entrevista e questionário são as técnicas mais pertinentes. Todavia, a escolha da metodologia depende do problema de pesquisa claro e bem definido, que implicará na formulação dos objetivos e parte-se do princípio de que há “metodologias adequadas ou inadequadas para tratar um determinado problema, recomenda-se que, antes de iniciar a descrição dos procedimentos, o pesquisador demonstre a adequação do paradigma adotado ao estudo proposto (ALVES-MAZZOTTI, 2012, p. 160).

O referencial teórico é fator crucial na construção de um trabalho que seja de cunho científico e que assegure fundamentação teórica para garantir a sua fidedignidade. Portanto, as referências

⁸ Das 41 produções analisadas, apenas na 38ª Reunião Nacional, no GT 16 teve um pesquisador em coautoria na escrita do artigo.

têm muito a dizer sobre o pesquisador e seu grupo de pesquisa, sendo relevante analisar os pontos em comum e os diversos. Deste modo, a análise das referências encontradas⁹ apontou que quatorze trabalhos apresentaram em suas referências fontes que fundamentassem a metodologia que utilizaram, sendo que Laurence Bardin (AMARAL, 2019; PERFEITO, MENDES, 2019; SÁ, PESSOA, 2019; GAMA, 2019) forneceu as referências para análise de conteúdo. A respeito das referências mais consultadas sobre alfabetização e letramento aparecem como leituras indispensáveis os trabalhos de Emília **Ferreiro** e Ana **Teberosky** (RESENDE, 2021; ANDRADE, GUIMARÃES, 2019; PERFEITO, SOARES, 2019; SOUSA, ROCHA, 2019; PERFEITO, MENDES, 2019; CORAIS, 2019; MAGALHÃES, MULLER, 2015); Magda **Soares** (RESENDE, 2021; PERFEITO, SOARES, 2019; SILVA, 2019; LIMA, 2017; VIEIRA, 2017; MAGALHÃES, MULLER, 2015; SÁ, PESSOA, 2015; GAMA, 2015); Maria do Rosário Longo **Mortatti** (ANDRADE, GUIMARÃES, 2019; PERFEITO, SOARES, 2019; SOUSA, ROCHA, 2019; SILVA, 2019; PERFEITO, MENDES, 2019), Artur Gomes de **Morais** (PERFEITO, SOARES, 2019; SOUSA, ROCHA, 2019; PERFEITO, MENDES, 2019; VIEIRA, 2017; SÁ, PESSOA, 2015) e destaca-se também as obras do pesquisador **Vygotsky** para falar sobre o desenvolvimento da aprendizagem na infância, como se pode perceber nos trabalhos de Resende (2021); Perfeito & Soares (2019); Aguiar (2019); Corais (2019); Pires, Potoski & Mello (2019); Oliveira & Peixoto (2019) e Sá & Pessoa (2015). Destacam-se também os documentos normativos presentes em diversos textos como a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 e o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído em 2012.

A linha teórica que contribui de modo significativo para o desenvolvimento da dissertação sobre a prática docente é ancorada em Tardif (FIGUEIREDO, JUNQUEIRA, 2017; GAMA, 2015), contudo Nóvoa, Libâneo e Sacristán também podem contribuir para a discussão sobre a discussão a respeito do professor alfabetizador.

Alfabetização digital, educação e comunicação, TDIC nas práticas docentes de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental que antes tinham pouca visibilidade para a comunidade científica que debatia alfabetização e letramento, tem importantes teóricos, conforme percebe-se

⁹ As referências dos trabalhos analisados estão disponíveis para leitura em <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1HztlcEPzNFygfXTCvkshsQGVOAGhAmpSNJZuD74hqWU/edit?usp=sharing>

nas poucas produções encontradas na 38ª Reunião Nacional.

Prosseguindo com a interpretação dos dados, além de fontes nacionais, foram encontradas nas referências dos trabalhos fontes internacionais, pressupõe-se que por serem pesquisas de mestrado e doutorado tem-se a exigência de expandir os horizontes da pesquisa. Deste modo, Sousa & Rocha (2019); Almeida (2019); Corais (2019); Bauer & Braz (2019); Lima (2017); Silva (2017); Figueiredo & Junqueira (2017) e Gama (2015) recorreram à textos diversos internacionais para alicerçar o seu lastro teórico.

Uma curiosidade que inicialmente causou confusão na análise dos dados é que duas pesquisadoras são gemelares e ao construir o *corpus* em que ambas foram citadas, cada qual em seu texto, é que se pode confrontar as informações, percebendo a distinção na ordem do nome completo. Ao realizar tal comparação foi necessário esclarecer melhor e procurar mais informações sobre a autora (inicialmente foi pensado que se tratava da mesma pessoa)¹⁰, até mesmo porque parecia que o nome era o mesmo, sendo talvez um erro de digitação.

Construindo uma roda de conversa sobre as práticas de alfabetização ao longo da história à nível nacional temos Vieira (2015), *Os livros para o ensino inicial da leitura e da escrita utilizados como apoio na preparação das aulas: um estudo a partir de cadernos de uma professora alfabetizadora* e Aguiar (2019), *Panorama de ancoragem teórica em alfabetização com base no diretório dos grupos de pesquisa (Brasil - Lattes)* e à nível estadual encontram-se os trabalhos de Silva (2019), *História da alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul: a utilização de cartilhas nas escolas da rede pública (1979-2017)* e Almeida & Lino (2019), *FEARJ, movimentos de resistência na defesa da alfabetização no estado do Rio de Janeiro*.

Referente à (auto) formação do professor alfabetizador tem-se vários diálogos possíveis entre diversos autores, Andrade & Guimarães (2019), Sousa & Rocha (2019), Amaral (2019) e Gama (2015). Todavia, destacam-se as produções que discorrem sobre o processo de alfabetização, com foco na leitura e escrita, em específico para o 1º ano do ensino fundamental e de preferência com dados empíricos da pesquisa de campo.

A revisão de literatura realizada é como uma janela com a qual você vê o recorte de uma paisagem que é bem mais extensa, para vislumbrar a paisagem em sua máxima recorre-se ao

¹⁰ Tal equívoco só foi desfeito ao ver esse vídeo na internet: <https://www.youtube.com/watch?v=qHJcJqiqc08>.

estado da arte ou estado do conhecimento. Alves (2021, p. 88) pontua que “as pesquisas de estado do conhecimento são extremamente relevantes para se conhecer o que tem produzido em relação ao tema de trabalho” e essas produções são fontes de dados e consultas para os pesquisadores especialistas, na perspectiva dessa autora os resultados encontrados se integram e fazem emergir lacunas que podem ter sido pouco estudadas ou que se constituem em estudos inéditos.

O primeiro estado do conhecimento sobre alfabetização no Brasil que ganhou notoriedade, foi realizado por Magda Soares, intitulado Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento publicado em 1989, pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Desde então, é possível encontrar diversos trabalhos com esse intuito. Alves (2021) utilizou dois: 1) a dissertação de Bruna Angélica Gonçalves, apresentada em 2018, intitulada “Estados da arte de pesquisas sobre o letramento no Brasil: como são pesquisadas agências, eventos e práticas além da escola? e 2) a pesquisa desenvolvida por Magda Soares e Francisca Maciel, em 2000, com o título “Alfabetização: estado do conhecimento”. Como esclarecido anteriormente, letramento não é o foco desta discussão e por isso, foram consideradas como fonte de consulta a segunda opção.

Para além desses referenciais, foram também encontrados os trabalhos de: Anne-Marie Chartier (2011), no livro Alfabetização no Brasil: uma história de sua história e a dissertação de Márcia Campos Moraes Guimarães, Estado do conhecimento da alfabetização no Brasil (1944 – 2009). Embora Alves (2021) não tenha mencionado, também é possível constatar os teóricos que mais contribuíram para as produções de conhecimento e catalogar as pesquisas no intuito de criar um banco de dados para possibilitar “a continuidade da pesquisa que viabiliza o processo de elaboração de propostas pouco trabalhadas” (ALVES, 2021, p. 88). Por exemplo, a conexão entre tecnologias digitais e sua relação com o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, foram mapeadas as produções sobre as pesquisas desenvolvidas e apresentadas na 40^a, 39^a, 38^a e 37^a reunião da Anped que dialogam sobre a alfabetização nos anos iniciais do

Ensino Fundamental, tendo como foco a aquisição da leitura e da escrita. A revisão bibliográfica no site da Anped nos levou a realizar uma reflexão sobre como a literatura apresenta a situação da alfabetização no Brasil. Durante a escrita deste artigo surgiu o questionamento sobre as produções específicas do GT 10 da Anped em todas as produções já realizadas.

Identificamos que analisar as referências bibliográficas dos trabalhos permite constatar aquelas mais utilizadas para determinado eixo temático, bem como, quais as fontes metodológicas de conhecimento para construção da pesquisa qualitativa; mapear os trabalhos que utilizam fontes internacionais e ainda, contribuir significativamente para mestrands em processo de escrita de sua dissertação. Por outro lado, essa análise de dados aponta para o questionamento de quantas referências asseguram a cientificidade dos artigos publicados, pois foram encontrados artigos que apresentaram quatro fontes para desenvolvimento da escrita. *A cor do tempo: entre o preto e o branco da alfabetização*, de Fröhlich e Moschen (2015) apresentaram uma importante proposta para o campo da alfabetização: a queda da lógica binária que ora coloca o aluno como alfabetizado ou como não alfabetizado. Assim, emergiu a seguinte questão: levando em consideração que o tema alfabetização pressupõe apresentar referências sobre a temática, como profissionais da área da psicologia promovem atividades de intervenção sem utilizar referências bibliográficas que dissertem sobre o tema alfabetização e utilizem apenas aportes psicanalíticos?

Pensando nos sujeitos pesquisados, apontamos para a necessidade do protagonismo das crianças no processo de alfabetização, existem muitas produções que discorrem sobre narrativas de professoras alfabetizadoras, contudo, fica a indagação: o que dizem as crianças sobre o processo de alfabetização e ainda mais, o que elas dizem sobre a alfabetização durante o ERE? A partir dos dados encontrados, também ficou evidente a enorme lacuna nas pesquisas que apresentam dados sobre os sujeitos (não) alfabetizados. Ou seja, embora a alfabetização tenha uma vasta produção científica ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, especialmente quando observamos os dados de fracasso escolar, retenção e analfabetismo funcional no país.

Assim, é fundamental que haja mais debates e reflexões para gerar maior valorização das práticas docentes alfabetizadoras por parte das esferas governamentais e sociais, bem como, no investimento no setor educacional público que atende a maioria da população brasileira, promovendo melhor qualidade no sistema de ensino e resultados frutíferos conforme estabelecido nas metas do PNE.

Referências

AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de. Panorama de ancoragem teórica em alfabetização com base no diretório dos grupos de pesquisa (Brasil - Lattes). In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

ALMEIDA, Maria Elisa Vieira da Cunha Cardoso de. FEARJ, movimentos de resistência na defesa da alfabetização no estado do Rio de Janeiro. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

ALMEIDA, Ana Carolina de. Apropriação da concepção de alfabetização do PNAIC: elementos para uma reflexão a partir do que ocorreu na sala de aula de uma escola pública. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

ALVES, Débora Barbosa. Os processos de alfabetização e letramentos: interlocuções sobre o alfabetizar letrando e a formação docente na Educação Infantil em escolas municipais de Belo Horizonte. In: **Revisão bibliográfica na pesquisa em educação: experiência de formação no campo de metodologia**. MARINI, Alexandre; GOMES, Jéssica Nunes; BRITO, José Eustáquio (Orgs.) 1.ed. São Caros: De Castro, 2021, p. 75-92.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria N. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 41 - 59.

AMARAL, Maria Gerlaine Belchior. A autoformação das professoras alfabetizadoras e a qualidade do ensino. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

ANDRADE, Ludmila Thomé de; GUIMARÃES, Mariana Souza Gomes. Estratégias de formação de professores alfabetizadores e o trabalho com a linguagem. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

ANPEd. **Sobre a ANPEd**. Rio de Janeiro: ANPEd. 2021a. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/sobre-anped>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ANPEd. **Grupos de trabalho**. Rio de Janeiro: ANPEd. 2021b. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

AXER, Bonnie; DRUMMOND, Rosalva de Cássia Rita. Currículo e o tempo de aprender: aproximações necessárias para pensar a alfabetização nacional. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

BAUER, Adriana; BRAZ, Jéssica Munhoz Araújo. Práticas de diferenciação pedagógica na rede municipal de São Paulo: possibilidades e limites. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum**. A Educação é a base. Brasília. S/D. 472p. (quarta versão). Divulgada em: 19 de março de 2018.

CHARTIER, Anne-Marie. Trinta anos de pesquisas sobre história do ensino da leitura. Que balanço? 1980-2010. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Cultura Acadêmica. Marília. Oficina Universitária, 2011.

CONTE, Elaine. Mapeamento das tecnologias na educação: interfaces metodológicas. Trabalho apresentado na 38^a Reunião anual da ANPEd São Luiz/MA, 2017. Anais. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=19 Acesso em: 26 jul. 2021.

CORAIS, Maria Cristina. Alfabetização como processo discursivo: apropriação da linguagem escrita com base na interação e discursividade. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 39^{a.}, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

FIGUEIREDO, Mércia Valéria Campos; JUNQUEIRA, Eduardo S. Princípios teóricos-práticos da gamificação apropriados por professores, em uma formação continuada na escola. Trabalho apresentado na **38^a Reunião anual da ANPEd São Luiz/MA**, 2017. Anais. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=19 Acesso em: 26 jul. 2021.

GAMA, Ywanoska. Construções cotidianas de práticas de alfabetização e o ensino sistemático da escrita: elementos da formação continuada mobilizados por professoras. In: **37^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa. ANPEd**, 2015, Florianópolis. SC. Acesso em: 10 Jul. 2021.

LIMA, Naira da Costa Muylaert. A evolução da (des)igualdade de conhecimento no ciclo de alfabetização de quatro escolas públicas do estado do Espírito Santo. Trabalho apresentado na **38^a Reunião anual da ANPEd São Luiz/MA**, 2017. Anais. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=19 Acesso em: 26 jul. 2021.

MAGALHÃES, Luciane Manera; MULLER, Analina Alves de Oliveira. O ensino da língua

portuguesa na alfabetização inicial: Tempos e contratempos. In: **37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa. ANPEd**, 2015, Florianópolis. SC. Acesso em: 10 Jul. 2021.

MULLER, Juliana Costa; FANTIN, Mônica. Desafios da mediação familiar e escolar no uso de tecnologias digitais pelas crianças. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

OLIVEIRA, Natália Carvalhães de; PEIXOTO, Joana; ALMAS, Rose Mary. Contradição e desenvolvimento: trajetórias de apropriação de tecnologias por uma professora da educação básica. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

PERFEITO, Vânia Márcia Silvério; SOARES, Graciely Garcia. A organização do trabalho pedagógico: o olhar dos docentes face à apropriação da leitura e da escrita no bloco inicial da alfabetização. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

PERFEITO, Márcia Vânia Silvério; MENDES, Solange Alves de Oliveira. Por mais leitores proficientes: A progressão do ensino da leitura e compreensão textuais no Bloco Inicial de Alfabetização. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

PIRES, Ediléia Ferreira de Assis; POTOSKI, Grazielle Potoski; MELLO, Diene Eire de. Os artefatos digitais como ferramenta de pensamento: uma experiência com crianças. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

RIBEIRO, Alina do Rocio Pacheco e Silva. **Alfabetização: o estado da arte em periódicos científicos (1987-2008)**. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

SÁ, Carolina Figueiredo de; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Práticas de alfabetização em turmas multisseriadas: estratégias docentes para lidar com a heterogeneidade de aprendizagens. In: **37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa. ANPEd**, 2015, Florianópolis. SC. Acesso em: 10 Jul. 2021.

SILVA, Gláucia Eunice Gonçalves da. O uso de TDIC e as implicações no processo de desenvolvimento humano da pessoa com deficiência intelectual. Trabalho apresentado na **38ª Reunião anual da ANPEd São Luiz/MA**, 2017. Anais. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=19 Acesso em: 26 jul. 2021.

SILVA, Iara Augusta da. História da alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul: a utilização de cartilhas nas escolas da rede pública (1979-2017). In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39ª.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: .

Acesso em: 10 Jul. 2021.

SOARES, M. **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2021a. Disponível em:

Acesso em: 10 ago. 2021.

SOARES, M. **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2021b. Disponível em: Acesso em: 10 ago. 2021.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2021.

SOUSA, Sandra Novais; ROCHA, Cristiane Ribeiro Cabral. Concepções de alfabetização e formação nos programas nacionais de formação de alfabetizadores no Brasil. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 39^a.**, 2019, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 Jul. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.